O JORNAL IMPRESSO, A LEITURA CRÍTICA E A PRÁTICA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

*THE PRINTED NEWSPAPER, THE CRITICAL READING
AND THE RELEASING PRACTICE OF PAULO FREIRE*

*PERIÓDICO IMPRESO, LECTURA CRÍTICA Y PRÁCTICA
DE PUBLICACIÓN DE PAULO FREIRE*

KELLIN CRISTINA INOCÊNCIO¹

CAMILA MARTINS²

PERI MESQUIDA³

¹Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Paraná/PR-Brasil

²Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Paraná/PR-Brasil

³Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Paraná/PR-Brasil

RESUMO O presente artigo, “O Jornal impresso, a leitura crítica e a prática libertadora de Paulo Freire”, é resultado parcial de uma pesquisa histórica e metodológica para a área da educação que, à luz das ideias de Paulo Freire, busca promover a junção da utilização do jornal impresso ao processo de alfabetização de crianças. Nessa perspectiva, tendo como método a hermenêutica (RICOEUR; HEIDEGGER), e como recurso metodológico abordagem qualitativa, de Bogdan e Biklen (1994), o estudo promove uma reflexão acerca da construção do ser social articulado ao processo alfabetizador, contemplando um espaço e recorte temporal da escola em sua contemporaneidade, procurando soluções para a problemática vivenciada por parte dos estudantes, que se constituíram por meio de um processo alfabetizador mecânico e mnemônico, excluindo da construção da ação de ler e escrever, a cidadania, a consciência e a autonomia. A análise a respeito da Pedagogia Progressista Libertadora se faz presente ao longo do texto com o intuito de evidenciar a importância desta para a educação brasileira, bem como, seu valor social perante o processo de formação da criança que constitui o primeiro ciclo do ensino fundamental. Os objetivos exploram o conceito e relevância da comunicação no contexto escolar, sobretudo, de qual maneira a educomunicação, por meio da utilização do jornal impresso, é capaz de auxiliar a prática da leitura, viabilizando o processo de conscientização do sujeito, alinhado à exposição do conteúdo. O artigo aborda as características da educação dialógica, das práticas pedagógicas e formas de comunicação propostas por Paulo Freire (1986, 1988), Baccega (2003) e

Martin-Barbero (1997), tendo como resultado a confirmação da hipótese de que o uso do jornal impresso como recurso pedagógico dialogal pode auxiliar significativamente para a construção e reconstrução do conhecimento, em particular para o processo de aquisição da leitura e da escrita – escrever lendo e ler escrevendo, assim como, para a formação da consciência do educando e do seu papel no grupo social a que pertence.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCOMUNICAÇÃO; JORNAL IMPRESSO; LEITURA; VISÃO DE MUNDO.

ABSTRACT The present article, “The printed newspaper, the critical reading and the liberating practice of Paulo Freire”, is a partial result of a historical and methodological research for the area of education that, in the light of Paulo Freire’s ideas, seeks to promote the combination of the use of printed newspaper to the children’s literacy process. In this perspective, using hermeneutics as a method (RICOEUR; HEIDEGGER), and as a methodological resource qualitative approach, by Bogdan and Biklen (1994), the study promotes a reflection on the construction of the social being articulated to the literacy process, contemplating a space and time frame of the school in its contemporaneity, searching for resolutions to the problems experienced by the students, who were constituted through a mechanical and mnemonic literacy process, excluding the construction of the action of reading and writing, citizenship, conscience and autonomy. The analysis about the Liberating Progressive Pedagogy is present throughout the text in order to highlight its importance for Brazilian education, as well, as it’s social value in the process of forming the child that constitutes the first cycle of elementary education. The objectives explore the concept and relevance of communication in the school context, above all, in what way educommunication, through the use of the printed newspaper, is able to assist the practice of reading, making the subject’s awareness process viable, aligned with the content exposure. The article addresses the characteristics of dialogical education, pedagogical practices and forms of communication proposed by Paulo Freire (1986, 1988), Baccega (2003) and Martin-Barbero (1997), resulting in the confirmation of the hypothesis that the use of printed newspapers as a dialogical pedagogical resource can significantly assist in the construction and reconstruction of knowledge, in particular for the process of acquiring reading and writing – writing reading and reading writing, as well, as for the formation of the conscience of the student and his/her role in the social group to which he/she belongs.

KEYWORDS: EDUCOMMUNICATION; PRINTED NEWSPAPER; READING; WORLD VISION.

RESUMEN El presente artículo, “El periódico impreso, la lectura crítica y la práctica liberadora de Paulo Freire”, es el resultado parcial de una investigación histórica y metodológica para el área de la educación que, a la luz de las ideas de Paulo Freire, busca promover (el) uso del periódico impreso para el proceso de alfabetización de los niños. En esta perspectiva, utilizando la hermenéutica como método (RICOEUR; HEIDEGGER), y como un enfoque cualitativo de recursos metodológicos, por Bogdan y Biklen (1994), el estudio promueve una reflexión sobre la construcción de la articulación social al proceso de alfabetización, contemplando un marco de espacio y tiempo de la escuela en su contemporaneidad, buscando soluciones a los problemas experimentados por los estudiantes, que se constituyeron a través de un proceso de alfabetización mecánica y mnemónica, excluyendo

la construcción de la acción de lectura y escritura, ciudadanía, conciencia y autonomía. El análisis sobre la pedagogía progresiva liberadora está presente en todo el texto para resaltar su importancia para la educación brasileña, así como, su valor social en el proceso de formación del niño que constituye el primer ciclo de la educación primaria. Los objetivos exploran el concepto y la relevancia de la comunicación en el contexto escolar, sobre todo, de qué manera la educomunicación, mediante el uso del periódico impreso, puede ayudar a la práctica de la lectura, haciendo viable el proceso de concienciación del sujeto, alineado con la exposición del contenido. El artículo aborda las características de la educación dialógica, las prácticas pedagógicas y las formas de comunicación propuestas por Paulo Freire (1986, 1988), Baccega (2003) y Martín-Barbero (1997), lo que da como resultado la confirmación de la hipótesis de que el uso de Los periódicos impresos como recurso pedagógico dialógico pueden ayudar significativamente en la construcción y reconstrucción del conocimiento, en particular para el proceso de adquisición de lectura y escritura – escritura lectura y lectura escritura, así como para la formación de la conciencia del estudiante y su papel en grupo social al que pertenece.

PALABRAS CLAVE: EDUCOMUNICACIÓN; PERIÓDICO IMPRESO; LECTURA; VISION DEL MUNDO.

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos nos campos da educação e da comunicação, nos remetemos a um vasto leque de teorias que envolvem profissionais e estudiosos dessas duas grandes e significativas áreas de conhecimento. Em ambas a estrutura dialógica,¹ bem como, a leitura do mundo e a leitura da palavra,² incorporam a linguagem e o diálogo tanto da formação pessoal e social dos sujeitos quanto para a utilização das diversas mídias como recursos didático-pedagógicos em sala de aula e na exploração dos espaços escolares.

Nos estudos sobre a relevância da Educomunicação,³ sobretudo em território brasileiro, destacam-se aqueles realizados pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – USP, posto que demonstram o potencial educativo oferecido pelos meios de comunicação e, ao mesmo tempo, a relevância da comunicação para o processo educativo e de conscientização dos sujeitos.

Essa relação educomunicativa em território nacional é decorrente das contribuições pioneiras do autor brasileiro Paulo Freire (1986, 1988) e do colombiano Jesús Martín-Bar-

¹ Estrutura dialógica é aquela capaz de promover o diálogo e a comunicação, a qual dá forma conflituosa e a experiência do conviver. (Comunicação para a educação – MARTÍN-BARBERO, Jesús).

² Segundo Paulo Freire, a leitura do mundo é aquela que precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1986, p. 11-22).

³ Prof. Ismar de Oliveira Soares define a Educomunicação como sendo “um conjunto das ações inerentes ao planejamento e implementação de processos e produtos destinados a: ampliar a capacidade de expressão de todas as pessoas num espaço educativo; melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas; desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação; usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos”. Disponível em: <https://educomusp.wordpress.com/2011/11/23/o-que-e-educomunicacao/> Acesso em 15 de março de 2016.

bero (1997). Os autores concebem uma educação fundamentada no diálogo e na leitura crítica da mídia, aspectos que contribuem, de forma crucial, com a formação de cidadãos capazes de visualizar seus direitos, conscientes e aptos a interagirem na sociedade em que estão inseridos.

A educomunicação não se restringe apenas à ação de possibilitar que educandos e educadores tenham contato com alguma mídia no ambiente escolar, mas sim, propicia o *educocomunicar* – termo referente à didática contínua, que ultrapassa a leitura da palavra e contempla a complexa leitura do cotidiano e do mundo, como defendia Freire (1986). Para Soares:

Educomunicação é essencialmente práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações e sociedade. Não pode ser reduzida a uma parte da didática, confundida com mera aplicação das tecnologias da informação e da comunicação no ensino. Nem mesmo ser identificada com alguma das áreas de atuação do próprio campo, como a educação para e com a comunicação (SOARES, 2011, p. 13-14).

A utilização da mídia no âmbito educacional, do ponto de vista dos autores pesquisados, não desenvolve no aprendiz o sentido de opressão e alienação, posto que exige do educador a condução de seu trabalho indo além da leitura apenas como aquisição, codificação e decodificação, bem como, do simples ato de escuta ou de visualização dos meios midiáticos, ao contrário, é essencial o diálogo, o debate, o questionamento e a formação de ideias e opiniões entre quem educa e aquele que aprende, possibilitando a formação, pela leitura do mudo e da palavra, de uma tomada de consciência da realidade na qual o educando e a educanda se inserem.

Dentro desse contexto educ comunicativo envolvendo a formação social, formula-se questões que permeiam o dia a dia escolar, sobretudo as que se referem às práticas de leitura crítica no primeiro ciclo do ensino fundamental, o qual possui especificidades semânticas da alfabetização.

Nesse ciclo, uma mídia que potencialmente contribui com a formação do sujeito concebido por Freire e Martin-Barbero – cidadão capaz de visualizar seus direitos, consciente e apto a interagir na sociedade em que está inserido – é o jornal impresso, posto que contribui com a articulação de ideias, com a observância de direitos a que o sujeito faz jus e a habilidade de comunicação social, e também, pode ser utilizado em benefício da apreensão do conhecimento tanto formal quanto de mundo.

Desta rápida introdução do tema, podemos apontar o problema de pesquisa na forma de uma pergunta investigativa, assim como o objetivo que pretendemos alcançar: o jornal impresso, como recurso metodológico, pode ser um instrumento não somente de capacitação para decodificar a escrita, mas também de formação de consciência da realidade por meio da leitura crítica do mundo e da palavra?

A pergunta de pesquisa fornece os elementos principais para o objetivo assim proposto: compreender a relação da prática da leitura crítica, enfatizando a relevância da utilização do jornal impresso, com os embasamentos da pedagogia progressista libertadora, colocando a visão sócio-dialogal freireana como elemento fundamental na formação dos (as) estudantes do primeiro ciclo do ensino fundamental.

A pesquisa, de caráter bibliográfico, foi desenvolvida utilizando a hermenêutica como método de interpretação dos dados obtidos e a abordagem qualitativa, de Richard Bogdan e Sari Biklen, na obra *Investigação qualitativa em educação* (1994). N’*O conflito das interpretações*, Paul Ricoeur, fundamentado em Aristóteles, apresenta o que seria para ele a hermenêutica. Diz o filósofo francês que, para Aristóteles a hermeneia diz respeito a todo o discurso significativo, pois é a hermeneia que “interpreta a realidade, na medida em que a enunciação é uma expressão do real por meio de expressões significantes e do discurso significativo” (RICOEUR, 1989, p. 6). Este seria o caminho – método – para interpretar, por meio da exegese, os textos com os problemas mais gerais da significação e da linguagem.

Diálogo entre a leitura, a comunicação e a educação

A educação básica contemporânea, ancorada no direito à cidadania, é entendida como o principal processo de desenvolvimento do potencial humano capaz de conscientizar o educando, tanto no que concerne ao que significa os direitos que lhe são cabíveis quanto a garantir o exercício de seus direitos civis, políticos e sociais. Porém, diversas práticas pedagógicas tornam o educando distante desse conceito, sobretudo enquanto educação como prática libertadora, onde, no dia a dia, as práticas pedagógicas e educadores voltam-se para questões curriculares, abstendo-se, além de tolher o educando, da análise reflexiva diante dos aspectos sociais, bem como, da autonomia, respeito aos saberes, à criticidade e à ética.

Embora questões atuais possuam sentido norteador na educação básica contemporânea, é necessário que o educador distancie-se de uma prática fundamentada na educação bancária, a qual não privilegia a reflexão e o pensamento crítico e se pautem em indicadores que, concomitantemente, trabalhem a formação social e cognitiva sob a ótica Freireana, considerando que “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 1996, p. 14). Formar, para Freire, tem a ver com o fato de que a realidade só pode ser modificada “quando o homem e a mulher descobrem que ela é modificável e que eles podem fazê-lo”, mas que é fundamental que haja um “processo de conscientização” (FREIRE, 2009, p. 40). Isso porque o primeiro objetivo de toda educação, para Freire, é antes de tudo provocar “uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação” (FREIRE, 2009, p. 40).

E essa dinâmica educativa tem como elemento mediador o diálogo, que é, para Freire, um fenômeno humano capaz de nos revelar “algo que já podemos dizer como humanos que somos: a palavra” (FREIRE, 2009, p. 47).⁴ Mas, algo importante, alerta Paulo Freire: “não há diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro, um pensar crítico” (IDEM, p. 47), possibilitado pelo processo de conscientização na ação pedagógica, no ensino/aprendizagem. Ao aprender a dizer a palavra a partir da leitura do mundo, o (a) educando (a) aprende a dizer a sua palavra, a pronunciar o mundo, rompendo com a cultura do silêncio.

⁴ Dentro dos limites deste artigo, procuramos nos ater somente a duas páginas da Pedagogia do oprimido nas quais Freire escreve sobre diálogo. O (a) leitor (a) que quiser aprofundar o tema, sugerimos Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1997; Professora sim, tia não. São Paulo: Olho d’Água, 1993; Cartas a quem ama ensinar. São Paulo: Olho d’Água, 1993; Medo e ousadia. O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986; Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Portanto, a comunicação, aliada à educação e à prática da leitura crítica, propicia ao educando a vontade e a capacidade de se expressar, de ler e interpretar, de criar veículos de expressão que o façam sujeito de comunicação das próprias ideias. Nessa conjuntura, Melo (1998) ressalta a importância do que Paulo Freire denominou de “Pedagogia da Comunicação”, que é fundamentada no diálogo e no incentivo à criatividade e à superação do modelo do educador-transmissor de conhecimento e do aluno como receptáculo passivo de informações.

A Pedagogia da Comunicação é libertadora, o que implica a “comunhão do educador e do educando, afigura-se como uma pedagogia aberta, em permanente reelaboração. Quanto mais intensa a comunicação, mais rica a interação entre os participantes” (MELO, 1998, p. 266).

Partindo desta premissa, a comunicação invade o cenário educacional a fim de contribuir significativamente com a formação do aprendiz. A comunicação aqui apontada inicia-se em seu sentido mais remoto: o diálogo. Diante da dialogicidade, naturalmente, a educação bancária⁵ deixa de ter espaço na formação do educando. Para auxiliar esse processo, interferindo no contexto da realidade escolar contemporânea e social, é preciso implementar uma educação solidificada nas bases conceituais e dialógicas de Paulo Freire, permitindo ao educando a liberdade ao aprender e sistematizar os conteúdos, contemplando-o em suas vivências, independentemente do cenário em que está inserido, atribuindo verdadeiramente o significado ao que aprende, promovendo a comunicação como prática escolar e social.

A comunicação, apresentada por Freire, foi a base dos processos educomunicativos no Brasil, propiciando a concepção de que todo sujeito tem o direito de se comunicar, exercer criticamente sua cidadania e participar de seu meio de maneira democrática. Para Freire, “se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens” (FREIRE, 1997, p. 78). Ao realizar o ato de transmissão de informações, que promove a interação individual e coletiva, o sujeito passa a refletir acerca de seus pensamentos e, naturalmente, passa a promover sua autonomia, sendo que essa dinâmica enquadra-se num processo humanista, pois “fazendo e refazendo as coisas e transformando o mundo, os homens podem superar a situação em que estão sendo um quase não ser e passar a ser um estar sendo em busca do ser mais” (FREIRE, 1997, p. 74). De acordo com ele, a comunicação se dá por um ciclo, onde comunicação e sujeitos se completam por intermédio do pensamento, da reflexão, da autonomia e da interação.

A prática da leitura, associada à prática pedagógica libertadora, explora a diversidade e a pluralidade de ideias e visão de mundo. Nesse contexto, o jornal impresso é forte instrumento, sobretudo no processo de conscientização, independentemente de codificação

⁵ A concepção bancária distingue a ação do educador em dois momentos, o primeiro o educador em sua biblioteca adquire os conhecimentos, e no segundo em frente aos educandos narra o resultado de suas pesquisas, cabendo a estes apenas arquivar o que ouviram ou copiaram. Nesse caso não há conhecimento, os educandos não são chamados a conhecer, apenas memorizam mecanicamente, recebem de outro algo pronto. Assim, de forma vertical e antidialógica, a concepção bancária de ensino “educa” para a passividade, para a acriticidade, e por isso é oposta à educação que pretenda educar para a autonomia. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomia/autonomia/3.6.html>

e decodificação do código alfabético, podendo iniciar por meio de imagens, seguido por palavras e seus significados, despertando assim o gosto pela leitura, a capacidade de comunicação do pensamento, a consciência crítica, como também, um meio de fazer uso do direito do educando da liberdade de pensamento e de expressão.

Essa aliança da Educação e da Comunicação, atuando de forma sinérgica, segundo a proposta de Freire, pode ser considerada uma maneira de vencer o antidiálogo e reforçar o papel do processo educativo e da leitura crítica como espaço de valorização do diálogo entre educador e educandos. A partir desse prisma, as pessoas reconhecem seus papéis como sujeitos, e não apenas objetos, capazes de produzir conhecimento e agir sobre o mundo (MELO, 1998).

Diante do exposto, o jornal impresso em sala de aula se revela como uma possibilidade de educar consoante a perspectiva de Educomunicação, desenvolvendo, na escola, uma formação participativa e dialógica, direcionada para a reflexão, para o trabalho em grupo e a valorização da individualidade, das experiências prévias do aluno e de seu papel como cidadão.

Paulo Freire e a mídia

No período em que Freire discorria sobre essa dinâmica de comunicação, meados da década de 1980, e diante da possibilidade de articular pensamentos e ações, diálogo e transformação, comunicação e liberdade, a consequência, no âmbito social foi a possibilidade dos indivíduos questionarem as formas retrógradas de poder, promovendo, no Brasil, constantes movimentos sociais, sobretudo aqueles que incentivavam a cultura e o sentimento de patriotismo. Nesse período e diante dessas conjunturas, Paulo Freire passou a defender a “educação para a mídia”.

A palavra mídia tem origem no termo inglês *media*, comumente designado como sendo “por meio de”, “através de”. No Brasil, o termo foi incorporado à expressão “meio de comunicação”, ou transmissão de informações. Os meios de comunicação atuais são a TV, internet, rádio e, entre os meios de comunicação escrita, o jornal impresso.

Na conjuntura educacional, um desafio apresentado é exatamente a inserção desse “meio de comunicação” – o jornal impresso, ao processo educacional, pois a mídia, de um modo geral, gera reflexão, pensamento e ação, atuando em diversos contextos culturais, políticos e sociais, inclusive, auxiliando no processo de transformação de uma sociedade com menor desigualdade social. Dessa maneira, Paulo Freire colocou a mídia, em seu amplo e total sentido de meio de comunicação de massa, como essencial comunicador, ou seja, sempre está a comunicar algo e dificilmente exercerá um papel de neutralidade em sua atuação:

Pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação [de massa], processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação [de massa] é comunicação de algo, feita de certa maneira, em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de alguma coisa contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido. Daí também o papel apurado que joga a ideologia na comunicação, ocultando verdades, mas também a própria ideologização no processo comunicativo. [...] A postura crítica e desperta nos momentos necessários não pode faltar [...]. Para enfrentar o ardil ideológico de que se acha envolvida a mensagem [do poder dominante] na mídia [...] nossa mente ou nossa curiosidade teria que funcionar epistemologicamente todo o tempo (FREIRE, 1997, p. 237).

Para Freire, a responsabilidade no processo comunicativo não fazia parte apenas de uma questão teórica e filosófica, não sendo somente o educador responsável como emissor, mas sim, uma relação que se entrecruza, onde emissor e receptor dependiam de uma visão crítica para que houvesse a comunicação em sua totalidade. Em relação aos meios de comunicação, nesse trecho ele destaca a postura crítica que se deve ter:

Não podemos nos pôr diante de um aparelho – meio de comunicação – “entregues ou disponíveis” ao que vier. Quanto mais nos sentamos diante deles – há situações de exceção – como quem, de férias, se abre ao puro repouso e entretenimento tanto mais riscos corremos de tropeçar na compreensão de fatos e de acontecimentos. A postura crítica e desperta nos momentos necessários não pode faltar. [...] Mas, se não é fácil estar permanentemente em estado de alerta é possível saber que, não sendo um demônio que nos espreita para nos esmagar, o meio de comunicação, diante do qual nos achamos, não é tampouco um instrumento que nos salva. Talvez seja melhor contar de um a dez antes de fazer a afirmação categórica a que Wright Mills se refere: “É verdade, ouvi no noticiário das vinte horas”. Como educadores e educadoras progressistas não apenas não podemos desconhecer os meios de comunicação mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la (FREIRE, 2000, p. 50).

Paulo Freire fez críticas aos meios de comunicação de sua época no sentido de que atendiam a interesses políticos e comerciais, mostrando-se superficiais e manipuladores, distanciando-se da mídia no sentido de conscientização, como apontado por Sérgio Guimarães em entrevista à jornalista Mariana Bittencourt Faraco:⁶

Ele – Paulo Freire – costumava criticar muitas vezes a utilização da mídia não como meio de comunicação, mas como meio que se reduzia à transmissão de informações e “comunicados”, de maneira unidirecional. Ou seja, uma preocupação muito maior com a transferência de dados do que com a utilização do canal para o contato entre pessoas, esse ir e vir das informações. Esse tipo de crítica de Paulo já fazia na época: as pessoas que manipulam esses meios estão mais preocupadas em “enfiar” na cabeça do povo determinadas informações. Aí, se você considera toda a crítica que o Paulo faz, em uma ideia que ele desenvolveu bem, a educação bancária, você pode transferir essa crítica também à ação de diversos meios de comunicação que, ao invés de estimular a curiosidade, o exercício crítico por parte dos leitores ouvintes ou telespectadores, na verdade, exercem um mero trabalho de transmissão de informações, como se eles fossem latas vazias que devem ser preenchidas com determinados conteúdos (FARACO, s/d.).

Outra questão presente nas reflexões de Paulo Freire se refere à neutralidade; ele considera que é impossível a prática educativa ser neutra, pois se trata de um ato político, diretivo e intencional, em que os educadores devem tomar posição sobre a quem estão a serviço com seu ato de ensinar e a que tipo de educação servem: a libertadora ou a bancária. Assim,

⁶ O pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia. Entrevista de Sérgio Guimarães com Eduardo Meditsch e Mariana Bittencourt Faraco. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-faraco-mariana-pensamento-paulo-freire.pdf> Acesso em 30 de junho de 2016.

como ocorre na educação, Freire destaca a impossibilidade da neutralidade nos meios de comunicação de massa. “Não temo parecer ingênuo ao insistir não ser possível pensar sequer em televisão sem ter em mente a questão da consciência crítica. É que pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro” (FREIRE, 2000, p. 109).⁷

Sua crítica em relação à neutralidade se estende para além dos meios de comunicação:

Os que se dizem neutros estão comprometidos consigo mesmos, com seus interesses e com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, eles assumem a neutralidade impossível. O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em “coisas” (FREIRE, 1981, p. 19).

Freire seguiu ora apontando, ora indicando as nítidas diferenças dos meios de comunicação para a evolução do processo democrático do país, fosse com os meios de comunicação assistidos ou lidos, atuando, sobretudo, nas questões que definiam a liberdade desses meios e, com profunda preocupação, com o que era “transmitido”. Nesse contexto, Freire afirmou:

Liberdade de imprensa não é licenciabilidade de imprensa. Só é livre a imprensa que não mente, que não retorce, que não calunia, que não se omite, que respeita o pensamento dos entrevistados, em lugar de dizer que eles disseram A tendo dito M (FREIRE, 1994, p.188).

Diante do exposto, temos que, a ideia central de Paulo Freire era a utilização da mídia como recurso, como aliado ao processo e na construção do conhecimento, uma mídia crítica e curiosa, sendo papel relevante da educação proporcionar uma formação coerente, madura, superando a formação ingênua, alienada do ensino e da aprendizagem de outra, a qual levava os educandos à aceitação da transferência de mensagens realizada pelos meios de comunicação, sobretudo os de massa, impedindo que os sujeitos exercessem sua comunicação autônoma, e sim, anulando sua ação e transformação frente às desigualdades sociais de sua época.

PAULO FREIRE E O JORNAL IMPRESSO

O fato de Freire ter sido, além de grande estudioso, teórico da educação, pesquisador etc., era leitor assíduo de jornais impressos. Aspectos que muito contribuíram com seu perfil altamente crítico, sendo capaz de realizar diversas leituras e comparações, desde as abordagens até mesmo de informações apresentadas pelos jornais, conforme relatou sua esposa Ana Maria Araújo Freire:

⁷ Educação e Comunicação em Paulo Freire: reflexões sobre Jornalismo de Serviço à luz do pensamento freireano. TEMER, A. C. R. P.; SANTANA, M. J. S. Disponível em: <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/8/8.pdf> Acesso em 30 de junho de 2016.

Tinha períodos em que assinávamos, em outros comprávamos na banca. (...) Quando ele voltou do exílio, era o jornal que se dizia mais progressista. Agora, muitas vezes, Paulo dizia: ‘É preferível o jornal, que se declara logo de direita, do que jornais de esquerda que deformam o próprio pensamento’. Ele tinha sérias críticas ao jornal como à toda imprensa escrita, televisada e falada (ANAMARIA ARAÚJO FREIRE, entrevista em 08/04/2002).

Com a mesma criticidade, Paulo Freire apontava uma diferença significativa ao compararmos os meios de comunicação, sobretudo a mídia impressa, no âmbito cultural, econômico e social. Para ele:

Quanto aos meios impressos, seu alcance está diretamente condicionado pela cultura letrada, encontrando no analfabetismo uma barreira decisiva. Mais que isso: a linguagem escrita reflete uma forma analítica de pensamento e o conduz linearmente. Inspira-se na linguagem oral, mas insiste em corrigi-la, em “purifica-la”.

Compreende-se, assim, que seja esse o nível que maior resistência oferece à evolução linguística. Como hipótese a se confirmar, aliás, observemos que os meios impressos provavelmente permitem uma retenção maior dos conteúdos de elaboração complexa, enquanto um material de redação simples é mais eficiente se emitido num meio oral (FREIRE E GUIMARÃES, 2011, p. 206).

Adentrando a leitura e sua prática como recurso educ comunicativo, e transcorrendo ao cenário que acolhe o jornal impresso, percebemos uma mídia que apresenta visões diversificadas sobre uma sociedade ou contexto específico e ângulos diferentes em conjunturas diversas.

O jornal impresso é uma mídia riquíssima para a educação, um recurso completo, posto que promove o diálogo, contempla a troca de informações e ideias e, da mesma e significativa maneira, apresenta recursos linguísticos, os quais enriquecem o processo de alfabetização e proporcionam ao educador articulações entre os conceitos e eixos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013), e mais, torna o educando um sujeito ativo e liberto, apto a compreender e exercer o processo de cidadania com participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais.

Dessa maneira, nota-se que existe uma relação direta do educador com a sua própria conscientização do processo de leitura do mundo e libertação do educando, ou seja, é necessário que o educador desenvolva estruturas pedagógicas e perceba a relevância dos recursos didáticos pedagógicos como instrumentos capazes de auxiliar o educando nesse caminho de conscientização e alfabetização.

Ao pensarmos no educando, sobretudo do primeiro ciclo do ensino fundamental, torna-se papel fundamental do educador ser aquele que possibilita a aquisição da leitura explicitada por Freire: leitura do mundo e da palavra. Essa forma de leitura está intrinsecamente relacionada ao contexto social, “uma leitura corporal desde a janela do olhar datado e sofrido, que permite uma visão menos falsa que a versão dominante, ler a palavra é lê-la como corpo consciente molhado por uma história vivida de um mundo experimentado” (FREIRE, 1982, p. 13).

Nesse viés, é preciso que a instituição escolar, bem como, sua comunidade, apure a percepção em relação à relevância da leitura que atribui significados, que está distante da realidade da educação bancária, a qual apresenta somente textos que visam à alfabetização, conteúdos de cunho escolar e não de significados que transitem entre a realidade e o processo de alfabetização do educando.

Nesse contexto, é que a comunicação, aliada à educação, fundamenta o jornal impresso como parte dos recursos didáticos e pedagógicos capazes de proporcionar ao educando uma visão consciente do mundo e de si próprio. E mais, a leitura crítica corrobora com o processo de alfabetização do educando.

Assim Freire nos remete à relevância da leitura como conscientização dos sujeitos, sendo que é um hábito necessário, como outros hábitos rotineiros de todos os cidadãos e em diferentes contextos. A leitura social liberta, informa, cativa e transforma; é a leitura crítica que leva o sujeito a pensar e a apurar sua criticidade, leitura essa que deve ser introduzida como parte do processo alfabetizador e, naturalmente, integrada ao princípio da cidadania do educando, de seus direitos e deveres, de sua comunicação e de seu pensamento e, sobretudo, de sua imposição, de sua liberdade e ação, como mencionamos ao longo do exposto.

Freire ressalta a importância da utilização das experiências pessoais do educando, das realidades específicas em seus contextos sociais como base da alfabetização. A utilização dessa prática foi fundamentada no que ele denominou de “círculos de cultura”, sendo que nesse conceito existem os princípios fundamentais: diálogo, participação, trabalho em grupo e respeito mútuo. Dessa maneira, contemplando a contemporaneidade, essa prática dos círculos de cultura se relaciona com o jornal impresso aplicado e fundamentado no contexto cultural, promovendo, a partir dos parâmetros dos círculos de cultura, a participação do aluno juntamente à sua realidade social, “isso inclui, evidentemente, a língua que trazem consigo para a sala de aula” (FREIRE, 1990, p. 99).

Paulo Freire, no contexto educ comunicativo, defendia a educação para a mídia, porém, apresentava suas ressalvas nesse processo, pois era fundamental que a mídia em questão contemplasse o pensar crítico e a curiosidade, onde, com a educação, promoveria a formação crítica, permitindo aos educandos a anulação de suas posições como mero receptores acríticos das mensagens transmitidas em um ecossistema comunicativo presente na sociedade opressora, mas sim, colocando-os como sujeitos conscientes de sua cidadania, como explicita Guimarães:

Ele – Freire, costumava criticar muitas vezes a utilização da mídia não como meio de comunicação, mas como meio que se reduzia à transmissão de informações e “comunicados”, de maneira unidirecional. Ou seja, uma preocupação muito maior com a transferência de dados do que com a utilização do canal para o contato entre pessoas, esse ir e vir das informações. Esse tipo de crítica o Paulo já fazia na época: as pessoas que manipulam esses meios estão mais preocupados em “enfiar” na cabeça do povo determinadas informações. Aí, se você considera toda a crítica que o Paulo faz, através de uma ideia que ele desenvolveu bem, a educação bancária, você pode transferir essa crítica também à ação de diversos meios de comunicação que, ao invés de estimular a curiosidade, o exercício crítico por parte dos leitores, ouvintes ou telespectadores, na verdade exercem um mero trabalho de transmissão de informações, como se eles fossem latas vazias que devem ser preenchidas com determinados conteúdos (GUIMARÃES, entrevista em 06/05/2002).

Nesse contexto, Paulo Freire demonstrou ter construído uma relação ambígua com a imprensa, posto que, em determinados pontos, possuía uma opinião e posição contrária e, em outros, passava a defender a mídia como um recurso que auxiliava os sujeitos na busca da liberdade, porém, jamais apoiou uma mídia voltada para a manipulação, para uma mera transmissão de mensagens, sem troca, sem reflexão e sem ação. Para Freire a mídia, de maneira global, não somente a imprensa, deveria alinhar-se ao processo de democratização e da cultura da sociedade, com livre acesso para a população, sem diferenciação de grupos socioeconômicos.

[...] o que os meios de comunicação estão fazendo é possibilitar um acesso maior da informação às massas populares etc, etc., etc. na verdade, esse acesso está sendo feito a uma falsa informação. Ou melhor: a informação está sendo falseada pelo poder ideológico e pelo poder econômico de quem mantém, de quem domina os meios de comunicação. Era preciso haver aí a crítica (FREIRE, GUIMARÃES, 2011, p. 201).

Freire concebe a educomunicação como sendo áreas de conhecimento que precisam buscar embasamento constante por meio do diálogo com os sujeitos críticos e conscientes, envolvendo assim as relações do sujeito com discurso no mundo. Nesse sentido, Baccega é consoante à visão freireana, considerando que é preciso “saber ler criticamente os meios de comunicação para conseguirmos percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entrega pronto, editado, à construção do mundo que permite a todos o pleno exercício da cidadania” (BACCEGA, 2003, p. 61).

Seguindo nesse contexto, a visão de Freire (1987) é essencialmente crítica em relação ao jornal impresso, para ele a leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, onde é necessária a percepção de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização, afinal, a criticidade implica a libertação o que, naturalmente, instaura o processo de conscientização. Desta maneira, o processo de construção do aprendizado se dá, igualmente, na educação não formal, aquela constituída além dos muros da escola, interferindo diretamente na relação social do educando, bem como, em sua visão de mundo. Assim, Freire nos proporciona uma visão estendida desse processo crítico, onde, por meio do jornal impresso como recurso didático-pedagógico, os educadores e educandos realizam uma reflexão crítica, deparando-se com situações de fora da escola, partícipes no contexto escolar, bem como, o caminho inverso, deparando-se com situações vivenciadas na esfera escolar, transferindo-as para o contexto social. E, nesse contexto, Pavan dialoga com o conceito de Freire, onde apresenta:

O objetivo geral da proposta não era outro senão o de levar os jovens não apenas a ler e a escrever, mas a buscar no jornal soluções e estímulos para a construção de apenas ler um pensamento crítico, capacitando-os a encontrar soluções para os problemas que enfrentam (PAVANI 2002, p. 32).

Diante disso, nos deparamos com a base das ideias de Paulo Freire para a educação libertadora brasileira, que é justamente a conscientização, qual seja, o educando, além de compreender a utilização do recurso didático-pedagógico, deve ser capaz de utilizá-lo em

prol de sua formação, não somente de conhecimento, mas, sobretudo, em sua formação como cidadão, como sujeito atuante em uma sociedade, que consiga refletir, dialogar, impor-se e, ao final, vivenciar uma prática social de libertação, deixando de lado uma posição de oprimido e, até mesmo, de opressor.

No tocante à crítica, a qual busca a libertação dos sujeitos, o jornal impresso, na visão de Freire, não é o único responsável como uma prática educacional, do mesmo modo, a utilização desse recurso em sala de aula, abrindo espaço para uma prática dialógica, é fundamental. Afinal, o jornal é o espelho do cenário social, ele transcreve os fatos e ações realizadas tanto pela população quanto pelo governo, e mais, o jornal impresso sozinho não pode ser visto como o responsável pelo processo de conscientização dos educandos. Há que se ir além dele para que se possa transitar em outras esferas: interescolar, extraescolar, intersocial e interpessoal.

Nos conceitos de Paulo Freire, o jornal impresso, como fonte primária de informação, situa o educando e, ao mesmo tempo, o insere em um contexto social. Assim, a diversificação de conteúdos é capaz de promover a comunicação entre educandos, educadores, escola e a visão de mundo, não somente atuar na condição de transmissor de mensagens em um ecossistema comunicativo. O jornal impresso contempla o debate e os inúmeros pontos de vista, atuando como essencial na formação, seja ela apontada no âmbito individual como coletivo. O jornal impresso como formador do cidadão auxilia o desenvolvimento da leitura crítica, interferindo no preparo do educando para assumir e conscientizar-se de seu papel na sociedade e, como formação geral do educando, o jornal impresso atua, já no sentido coletivo. Por intermédio de atividades destinadas à criticidade, tanto da leitura quanto da escrita, o educando desenvolve e constrói habilidades cognitivas.

Paulo Freire nos faz refletir constantemente como educadores acerca dos recursos didáticos pedagógicos utilizados em sala de aula no processo de alfabetização, associado aos seus pensamentos, sobretudo da libertação, porém, o autor afirmou em sua obra “Educar com a mídia”, a importância de se debater acerca da mídia e do quanto a sociedade e, nesse contexto, a escola, educadores e educandos modificam sua visão em relação aos fatos sociais, “o mundo encurta, o tempo se dilui. O ontem vira agora, o amanhã já está feito. Tudo muito rápido” (FREIRE, 1997, p. 236).

Paulo Freire associa o jornal impresso como a comunicação em si, pertencente a um processo impossível de manter sua neutralidade, onde a própria comunicação pode omitir verdades, conforme os interesses políticos. Dessa maneira, Freire reafirma a preocupação da mídia em sala de aula, transmitindo a responsabilidade do educador em manusear esse recurso didático pedagógico, não colocando os educandos como seres ingênuos e oprimidos, entregues ou disponíveis ao que leem. Assim, o jornal impresso, deve ser trabalhado a fim de promover a reflexão e não a opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de desenvolvimento deste artigo buscamos, inicialmente, compreender a relação da prática da leitura crítica, enfatizando a relevância da utilização do jornal impresso, com os embasamentos específicos da tendência Pedagógica Progressista Liber-

tadora, colocando a visão social freireana perante a educação e formação dos educandos do primeiro ciclo do ensino fundamental. Ressaltamos que Paulo Freire se baseia no pressuposto de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2009, p. 95). Dessa forma, é possível observar a importância entre a relação de mediação realizada na Educação, considerando o uso de diferentes recursos nesse processo de desenvolvimento educacional.

A educomunicação se fez presente ao longo da pesquisa como elo dos campos da comunicação e da educação, tomando o jornal impresso como um recurso significativo e capaz de proporcionar ao aluno uma visão de mundo ampliada e mais real, e ainda, como auxiliar na formação do aprendiz – capacitando e desenvolvendo aspectos cognitivos para que ele possa interferir e contribuir com e na dinâmica social do grupo a que pertence.

A pesquisa de campo em desenvolvimento por meio de um projeto experimental numa instituição privada de Curitiba já está dando, mesmo que de forma ainda não conclusiva, uma resposta positiva à pergunta de pesquisa objeto de nossa curiosidade científica e investigativa. Isto é, o jornal impresso como um recurso de leitura do mundo e leitura/escrita da palavra, pode ser utilizado no ensino/aprendizagem no primeiro ciclo do ensino fundamental, como um auxiliar significativo na tarefa alfabetizadora de educadores e educadoras.

Compreendemos que a relação da leitura e a utilização do jornal impresso ao longo da formação do educando torna-se necessário para a construção do ser social, pois dessa forma, o educando é capaz de expressar-se e escrever sobre o seu eu e suas indagações e, nesse contexto, por meio da relação dialógica, o educador passa a auxiliar e compreender com maior amplitude o educando como um ser único, com experiências e necessidades, passando à autorreflexão, bem como, a levar seu aluno a refletir e opinar perante o ambiente ao qual está inserido e a sua visão de mundo.

O artigo elucidou sobre a tendência pedagógica libertadora e a relação desta com o autor Paulo Freire, que nos aponta uma visão de educação contrária à educação tradicional, uma visão rica no aspecto humano e social, onde leva o educando a sentir-se em totalidade, inserido no processo de aprendizagem, tornando-se construtor de seus próprios saberes. Enxergando a educação como um meio de transformação para uma nova realidade, libertando. Desenvolvendo uma práxis educativa que foge do modelo conservador de educação, onde o professor é o detentor do saber.

A prática da leitura iniciada na escola no período alfabetizador, somando-se à utilização do recurso didático-pedagógico – o jornal impresso – deve atribuir significados além dos muros escolares, internalizando conceitos e práticas para cada educando.

O aprendizado da leitura crítica, embasada em uma prática educ comunicativa, deve proporcionar a interação entre educando, escola e, principalmente, comunidade escolar e sociedade, deve também propiciar uma educação realmente libertadora, com funções sociais, que seja transformadora e não julgadora, que se baseie em reflexão e ação e que insira, positivamente, o educando ao mundo, e que este jamais se sinta partícipe de uma sociedade que o coloque em condição de oprimido, nem tampouco que o coloque como opressor, mas sim, capaz de manifestar a vida, a liberdade, que consiga transitar socialmente de maneira crítica, com ação responsável, reflexiva, consciente de seu papel no mundo no qual está inserido e atue de forma efetiva, exercendo seus direitos e deveres como cidadão.

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. **Linguagens da comunicação**. In: SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da educomunicação, 2. ed. São Paulo: Salesiana, 2003, 87 p. (Cadernos de educomunicação; 1), p. 53-62.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Ed. Porto, 1994.
- FREINET, Célestin. **A leitura pela imprensa na escola**. Lisboa: Dinalivro, 1977.
- FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1986 (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**, 7. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 39-68.
- MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PAVANI, Cecília (Org.). **Jornal: (In) Formação e ação**. Campinas: Papirus, 2002.
- RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**. Porto: Rés-Editora, 1989.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

DADOS DOS AUTORES

KELLIN CRISTINA INOCÊNCIO

Doutoranda em Educação. Professora de Ensino Superior no curso de Pedagogia da **Pontifícia** Universidade Católica do Paraná. Paraná/PR-Brasil. kellin_inocencio@globomail.com

CAMILA MARTINS

Professora de Ensino Superior no curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Paraná/PR-Brasil. profcamilamartins@hotmail.com

PERI MESQUIDA

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Paraná/PR-Brasil. mesquida.peri@gmail.com

Submetido em: 12-2-2019

Aceito em: 28-7-2020